

DESTAQUES JORNAIS

JORNAL DO BRASIL (CAPA)

Rio de Janeiro — Segunda-feira, 22 de outubro de 2018

Consulte nosso site www.jb.com.br • Sua preferência registrada separadamente

JORNAL DO BRASIL



Pedro von Krüger (de barba) rodou seu longa nas ruas do bairro preferido das produções que retratam a realidade do subúrbio carioca

'Um dia qualquer', longa rodado no bairro de Marechal Hermes, aborda o drama das perdas de quem vive em zonas de conflito

Família X milícia

O que os filmes "Chuvvas de verão", de Cacá Diegues; "Como é cruel viver assim", de Julia Rezende; e "Billi Pig", de José Eduardo Belmonte, têm em comum? E as séries e novelas "Questão de família", "O caçador", "Além do horizonte", "Pecado capital" (1998) e "Pecado mortal"? Todas foram produções rodadas em Marechal Hermes, o bairro queridinho dos diretores quando o projeto pede uma caracterização tipicamente de subúrbio. O set mais recente a se instalar por lá foi o do "Um dia qualquer", longa de Pedro von Krüger, que encerrou as filmagens no mês passado.

A equipe passou 25 dias no bairro, onde filmou várias cenas externas, além de takes na delegacia, no hospital Alexander Fleming e em algumas casas. Um salão de festas foi transformado na central de produção, com salão de cabeleireiro e maquiagem, figurinos e restaurante. O diretor alugou uma casa na Rua Emílio Baugarten onde ficou morando nesse período. "Tudo foi filmado em Marechal. Houve uma única cena fora, feita numa pizzaria em Vila Valqueire", comenta o cineasta.

Estar num set é uma experiência única. É quando se vê que cada cena de um filme, série ou novela, por mais simples que pareça, envolveu muitos profissionais para acertar inúmeros detalhes. O JORNAL DO BRASIL acompanhou a de número 62, intitulada "Rua da divisa", que tinha a seguinte descrição: "Pê-nha entra na favela no mototáxi. Ceceu avisa Quirino". Na cena, uma moto com uma mulher na garupa vira uma esquina para entrar na favela e é seguida por um carro que, por sua vez, para na entrada do beco com o motorista falando ao celular. O que, pronta,

MÔNICA LOUREIRO
monica.loureiro@jb.com.br



O protagonista Augusto Madeira interpreta um ex-policial que torna-se justiceiro

talvez dure menos de um minuto, demorou quase duas horas entre ensaios e takes.

A cena, uma das feitas na última semana de filmagens, foi rodada na Rua Comandante Magalhães de Almeida. Lonas pretas foram penduradas na calçada para bloquear a iluminação dos postes, uma lixeira mal posicionada foi retirada e uma fumaça ao fundo do beco foi criada para dar um melhor efeito visual. Entre um e outro acerto, profissionais iam e vinham para baixo da barraca onde estava o monitor de vídeo assist para verificar se estava tudo certo. De repente, um pequeno solavanco na hora em que o carro estaciona chama a atenção de um dos técnicos, mas o diretor diz que não há problemas, pois parece natural. Quando o segundo take já havia sido aprovado por todos, o diretor pede para rodar outro: "Mas um para garantir no laboratório", brinca Pedro, aproveitando para contar, todo feliz, que os fotógrafos Walter Carvalho e André Horta tinham participado de algumas filmagens na semana anterior.

A equipe estava posicionada na altura da rua onde fica a Praça XV de Novembro. A certa altura da noite chuvosa, começou uma festa com música altíssima. "Esse som, que vai nos obrigar a dublar posteriormente, está sendo o único problema que tivemos nesses dias todos de filmagem", conta Pedro.

Mas o diretor lembra ainda que a produção deparou-se com um outro percalço: a de achar uma locação para cenas que se passavam dentro de uma igreja. "Nenhuma igreja evangélica do bairro permitiu que filmássemos. Então tivemos que fazer um cenário", revela.

Continua na página 2

MÔNICA LOUREIRO
monica.loureiro@jb.com.br



O protagonista Augusto Madeira interpreta um ex-policial que torna-se justiceiro

talvez dure menos de um minuto, demorou quase duas horas entre ensaios e takes.

A cena, uma das feitas na última semana de filmagens, foi rodada na Rua Comandante Magalhães de Almeida. Lonas pretas foram penduradas na calçada para bloquear a iluminação dos postes, uma lixeira mal posicionada foi retirada e uma fumaça ao fundo do beco foi criada para dar um melhor efeito visual. Entre um e outro acerto, profissionais iam e vinham para baixo da barraca onde estava o monitor de vídeo assist para verificar se estava tudo certo. De repente, um pequeno solavanco na hora em que o carro estaciona chama a atenção de um dos técnicos, mas o diretor diz que não há problemas, pois parece natural. Quando o segundo take já havia sido aprovado por todos, o diretor pede para rodar outro: "Mas um para garantir no laboratório", brinca Pedro, aproveitando para contar, todo feliz, que os fotógrafos Walter Carvalho e André Horta tinham participado de algumas filmagens na semana anterior.

A equipe estava posicionada na altura da rua onde fica a Praça XV de Novembro. A certa altura da noite chuvosa, começou uma festa com música altíssima. "Esse som, que vai nos obrigar a dublar posteriormente, está sendo o único problema que tivemos nesses dias todos de filmagem", conta Pedro.

Mas o diretor lembra ainda que a produção deparou-se com um outro percalço: a de achar uma locação para cenas que se passavam dentro de uma igreja. "Nenhuma igreja evangélica do bairro permitiu que filmássemos. Então tivemos que fazer um cenário", revela.

Continua na página 2

DESTAQUES JORNAIS

JORNAL DO BRASIL (CONTINUAÇÃO DA MATÉRIA DE CAPA)

Continuação da capa



Com experiência em documentários, Krüger (abaixo) escalou Mariana Nunes para viver o papel de Penha, viúva de uma traficante, que perde o filho e decide se vingar

Num intervalo entre cenas, mas sempre consultado vez ou outra por algum colega de equipe, o diretor Pedro von Krüger conversou sobre "Um dia qualquer", projeto que surgiu quando escutou uma história de tragédia familiar. "Tudo partiu de um caso, em 2002, de um policial que virou justiceiro em seu bairro e acabou matando o próprio filho. Uma história verdadeira, que um amigo da vítima me contou. Fiquei com aquilo na cabeça e logo comecei a desenvolver o roteiro", conta ele, que depois chamou Leonardo Gudel, Bernardo Doutel e Victor Rosa para assinarem com ele.

Na história que se passa em um só dia, Penha, viúva do traficante Seu Chapa, procura o filho desaparecido. E decide se vingar do ex-policial Quirino, com quem teve um envolvimento há anos. "Não queria fazer um filme de milícia e sim sobre família. A ideia é mostrar como é criar um filho dentro de zonas de conflito. Mostro a juventude 'nem-nem', aquela que fica vagando sem perspectiva: nem estuda nem trabalha".

"Um dia qualquer" é o primeiro filme de ficção de Pedro, que tem larga experiência como fotógrafo além de já ter dirigido os documentários "Memória em verde e rosa", "Pulmão da arquibancada, a Raça rubro-negra", "Fla x Flu - 40 minutos antes do nada", "Estrada de sonhos", "Gosto de trabalhar com memória", diz, fazendo faz uma correlação do longa com o documentário "Auto de resistência", no qual assinou a direção de fotografia. O filme mostra homicídios praticados pela polícia do Rio contra civis. "Acho que a personagem da Penha, que perde seu filho por conta dessa lei paralela, representa essas mães em busca de justiça", diz.



Nos papéis principais estão Augusto Madeira (Quirino), Mariana Nunes (Penha) e Vinícius de Oliveira (Maciel). "Augusto é do Lins de Vasconcelos! Ele merecia ser protagonista há muito tempo. Mariana foi uma indicação da Dira Paes", conta Pedro.

"Quando o Pedro me viu na série 'Crime time - Hora de perigo', em que faço um ex-policial militar, acho que ele teve a certeza que eu seria o Quirino", afirma Augusto. Sobre seu personagem, ele diz que é um homem angustiado, que sente que está "enxugando gelo" a cada prisão que faz e depois vê o bandido sendo solto. "Além disso, tem a frustração de ter perdido a mulher que amava para o amigo traficante. Eu comparei o filme a uma tragédia grega, onde não se consegue fugir do destino que está traçado desde o início. As relações são

dilacerantes dentro de um universo infelizmente tão conhecido na nossa cidade", opina o ator.

Em relação ao elenco, Pedro destaca ainda o trabalho de Cibele Santa Cruz, produtora de elenco, com o núcleo jovem. "Foram 80 jovens fazendo o teste. Desse, ficaram 20, que depois passaram por um callback até chegarmos aos 11 atores que enfrentaram duas semanas de preparação", relata.

O elenco traz ainda pequenas participações de André Ramiro, como um delegado, e Perfeito Fortuna como um dono de farmácia que é assaltado. "Na hora da cena, ele bateu a cabeça e se machucou. Brincamos que ele 'deu o sangue' pelo filme", lembra o diretor.

Além do formato de longa-metragem, "Um dia qualquer" será lançado como uma série do Canal Space com cinco episódios. "Na TV, o primeiro episódio terá conteúdo exclusivo. Com o nome 'Antes do dia', vai mostrar dez anos antes do que se passa no filme. Depois, os quatro episódios serão chamados de 'Madrugada', em que aparecem vários bate-bolas - a história se passa no último dia do Carnaval -; 'Manhã', abordando as relações familiares; 'Tarde', quando os problemas aparecem; e 'Noite', em que tudo termina", enumera Pedro. "Essa parceria entre cinema e canais a cabo é enriquecedor, permite mais filmagens com os conteúdos que vão além do longa. Esse 'preview' é muito bom, tem várias cenas de perseguição de carros", elogia Augusto.

Pedro von Krüger conta que o processo de montagem já começou e que pretende fazer um circuito de festivais até outubro de 2019. "A ideia é lançar em novembro e, na TV, em janeiro de 2020", prevê.

DESTAQUES JORNAIS

JORNAL DO BRASIL

10 JORNAL DO BRASIL • Circulação diária até www.jbrasil.com.br

Cidade
De 20 de setembro de 2018

Circulação diária até www.jbrasil.com.br • JORNAL DO BRASIL 11

Quando a ficção é realidade



O histórico bairro de Marechal Hermes tornou-se o queridinho de produtores para filmes, séries e novelas de época



O que poderiam ter em comum o filme "Chuvvas de Verão", de Cacá Diegues, rodado em 1977, a novela global "Além do Horizonte", de 2013, "Pecado Mortal", novela do mesmo ano da Record, a série da TV Globo "A Segunda Dama", de 2014, ou ainda "Um dia qualquer", de Pedro von Krüger, ainda em processo de produção? Os quatro estão entre uma infinidade de projetos que usaram como cenário o bairro Marechal Hermes, na Zona Norte, um dos raros da cidade onde ainda é possível encontrar uma atmosfera de características suburbanas em estado puro.

Por 25 dias, Krüger gravou ali e, apesar da possível notoriedade instantânea que poderia representar ao distante bairro, a 32,7km do Centro da cidade, esse tipo de publicidade ainda é vista com reservas pelos moradores. "Tomaram o bairro todo. Claro que é bom, contudo, exigiu sacrifícios, porque ruas tiveram de ser fechadas e ficou um movimento anormal. Ajuda e atrapalha. Quem aluga o imóvel recebe alguma coisa, porém não vejo doações para reformar as escolas e praças do bairro", pondera João Carlos da Silva Paula, presidente da associação de moradores local.

A experiência no bairro pelo diretor, que é também fotógrafo, não se limitou, entretanto, a esses 25 dias. "Foram mais dois meses de pré-produção na busca de locações. Fiz também uma pesquisa sobre os bate-bolas da região, os clóvis mascarados que animavam o carnaval de rua. Além do cenário, vários elementos foram incorporados à trama. Passei um mês morando na casa que alugamos na Rua Engenheiro Emílio Baumgart, que também se tornou a produção, e vivemos uma integração que não era só usar e sair. Todos os figurantes do filme, inclusive, foram contratados no bairro", relata Pedro von Krüger, 38 anos, que gravou em Marechal Hermes seu primeiro filme de ficção.

66

Tomaram o bairro todo. Claro que é bom, mas exigiu sacrifícios (...). Ajuda e atrapalha. Não vejo doações às escolas e praças"

JOÃO CARLOS SILVA
Associação de Moradores

CELINA CORTES
celina.cortes@r7.com.br

O que poderiam ter em comum o filme "Chuvvas de Verão", de Cacá Diegues, rodado em 1977, a novela global "Além do Horizonte", de 2013, "Pecado Mortal", novela do mesmo ano da Record, a série da TV Globo "A Segunda Dama", de 2014, ou ainda "Um dia qualquer", de Pedro von Krüger, ainda em processo de produção? Os quatro estão entre uma infinidade de projetos que usaram como cenário o bairro Marechal Hermes, na Zona Norte, um dos raros da cidade onde ainda é possível encontrar uma atmosfera de características suburbanas em estado puro.

Por 25 dias, Krüger gravou ali e, apesar da possível notoriedade instantânea que poderia representar ao distante bairro, a 32,7km do Centro da cidade, esse tipo de publicidade ainda é vista com reservas pelos moradores. "Tomaram o bairro todo. Claro que é bom, contudo, exigiu sacrifícios, porque ruas tiveram de ser fechadas e ficou um movimento anormal. Ajuda e atrapalha. Quem aluga o imóvel recebe alguma coisa, porém não vejo doações para reformar as escolas e praças do bairro", pondera João Carlos da Silva Paula, presidente da associação de moradores local.

A experiência no bairro pelo diretor, que é também fotógrafo, não se limitou, entretanto, a esses 25 dias. "Foram mais dois meses de pré-produção na busca de locações. Fiz também uma pesquisa sobre os bate-bolas da região, os clóvis mascarados que animavam o carnaval de rua. Além do cenário, vários elementos foram incorporados à trama. Passei um mês morando na casa que alugamos na Rua Engenheiro Emílio Baumgart, que também se tornou a produção, e vivemos uma integração que não era só usar e sair. Todos os figurantes do filme, inclusive, foram contratados no bairro", relata Pedro von Krüger, 38 anos, que gravou em Marechal Hermes seu primeiro filme de ficção.

E não é só o cenário que remete ao subúrbio. A mentalidade de alguns dos moradores também parece ter pado no tempo. O administrador aposentado Evandro Silveira, 80 anos, mora há mais de 50 anos nesse casa do lado esquerdo da Rua Engenheiro, já alugada por ele duas vezes para a TV Globo. As casas da década de 1970, os figurantes do filme, inclusive, foram contratados no bairro", relata Pedro von Krüger, 38 anos, que gravou em Marechal Hermes seu primeiro filme de ficção.

barulho. "As gravações foram feitas na parte externa da casa", desmentiu ele, que já já se foi, mas não pôde negar de lembrar ali o passado. "Era mais sossegado". Hoje, Silveira divide o imóvel com duas filhas e o neto, que vivem na casa das filhas. Ao completar 80 anos, Silveira e o casal estão considerando plantar. Talvez, o furto do filho do segundo filho, ao visitar a família, tenha influenciado na decisão. Já a direita apostada Solange Rocha, 65 anos, que vive há mais de 40 anos na casa que em frente, destacada das demais pelo seu encosto com acabamentos em mármore das esquadrias, viveu tanta violência no quarenta e cinco anos de moradia que também vendeu seu carro. Só anda de Uber. "É uma rua tranquila, quase não tem movimento", disse da pouco o IB crua com um homem de mãos que passou por ali, pindo um cigarro de maço.

Solange já passou por seis assaltos na porta de casa, sendo que, mais do que de 2008, quando se aproximou do portão, sofreu um sequestro-relâmpago, que terminou sem consequências mais graves. "Os moradores dos outros próximos costumam dizer que essa rua é o shopping deles", conta ela. Nem por isso para pela sua cabeça se mudar de lá. "Já já é muito tranquila. Quando começa a escurecer, lá que se tem conflitos. De manhã cedo e no entardecer, é uma sinfonia de passarinhos", descreve, com uma ênfase de quem parece relatar sua experiência violenta. Solange é a única das cinco irmãs que mora em casa e, por isso, o movimento no local é intenso, protegido pelo mal encosto de betão.

Outra rua que costuma ser delia para cenários é a Comandante Magalhães de Almeida, que, apesar de muito próxima à Baumgart — ambas desceram na Praça General Osvaldo Góes de Faria —, é bem diferente. A Magalhães tem duas portas para cada sentido de trânsito e a alameda central é arborizada com pé de tamareira. A comunidade, a Baumgart possui poucas árvores e sombras, tanto que o verão é um período que moram ali a criação de um colégio que já foi qat, não tem nenhum estabelecimento comercial, como a Magalhães, onde existem pequenas lojas, breche, o Hospital Municipal Carlos Chagas e o Instituto Armando Geriagap, projeto de 1951 do arquiteto Afonso Eduardo Veloso, que também abriu o Museu de Arte Moderna (MAM) em, em frente de Paulo Werneck. O clima no lugar é de discórdia, com moradores mais conservadores e limpeza que a deia a desce.

Esquadrias de pedras portuguesas

Madalena Montella Costa, 60 anos, mora há mais de 40 anos na Magalhães de Almeida, de 1913. De estilo eclético, tem sua esquadria emoldurada em pedras portuguesas

66

Pesquisei sobre os bate-bolas de lá, clóvis mascarados que animam o carnaval de rua. (...) Vivemos uma integração que não era só usar e sair"

PEDRO VON KRÜGER
Diretor de cinema



A cima, a moradora Solange Rocha. A direita, acima, a Rua Comandante Magalhães de Almeida, outra favorita; abaixo, a janela da mais próxima casa da rua, com mosaicos de pedras portuguesas nas esquadrias, Madalena Montella Costa

Cidade
De 20 de setembro de 2018



Foto de Mariana Toledo

Ne alto, a esquerda, a histórica Estação Ferroviária de Marechal Hermes, subúrbio do bairro. A cima, a casa de Engenheiro Emílio Baumgart, entre as preferidas dos produtores. Apesar da calma, os moradores são frequentes por ali

Com a recém adquirida experiência na ficção com "Um dia qualquer", Pedro von Krüger afirma que existe uma única resposta a pergunta que é Marechal Hermes em termos de cenários e arquitetura. "Como o filme é cheio de desafios, foi obrigado a fazer muitos cortes, por conta do tamanho das áreas do aeroporto do Campo dos Afonsos", revela. É o presidente da associação de moradores do local, João Carlos da Silva Paula, agraça e prova gentileza do bairro para a porta e principal problema que alige os moradores. "Marechal é um bairro muito antigo e sofrido com os alagamentos provocados pelas chuvas de verão. A tubulação do bairro, que tem mais de 100 mil moradores, com apenas duas salas de esgoto, não dá vazão. O poder público simplesmente não se preocupa com o crescimento de Marechal", lamenta.

História do bairro
Conforme o professor de História Afrânio César de Oliveira, nascido no Povoado Português, o presidente que deu nome ao bairro replicou no Brasil a vila operária — primeira do país — que começou na Alemanha, em 1910. Influenciado pelo movimento reformista social que chegou na Europa, Hermes pretendia solucionar a questão habitacional incentivando a construção de vilas operárias. Durante sua gestão como presidente (1913-1914), Hermes viveu a queda do ciclo da café e a ascensão da borracha. "Hermes cala, liberal e pandeiro. Em empreendimentos e testes ao país a percepção de casa pública", afirma Oliveira.

Sem modernidade, o presidente habitou casa que foi um dos primeiros bairros planejados para a classe média do país com seu próprio nome, inaugurado em 1º de maio de 1913 e desativado pelo 1º tenente engenheiro do Exército Palmarino Serra Pulchra convocado para a empreitada com a construção de seu projeto na Vila Militar. Para isso, o terreno de 60 mil m², resultado da divisão das fazendas de Sapucaia — que dá o primeiro denominação ao bairro — e Geriagap, seria usado para a construção de 738 casas e sobrados para cinco mil pessoas. Contudo, a escassez de recursos, provocada pela crise econômica do país e pela 1ª Guerra Mundial (1914-1918), reduziu em 80% o projeto inicial. Foram erguidas apenas 170 casas. De provisão de seis meses, restaram duas, uma delas de Primeiro Grau e a outra, terceira, a Barão de Mauá. Com a multiplicação das famílias do comércio, a segurança no bairro, apesar da distância com a Vila Militar, foi ficando cada vez pior. Além das casas que restaram e das amplas áreas, um vasto mercado do bairro e a Estação Ferroviária, impactou nos moradores ingleses e norteamericanos que, ao estalar, chegaram e se foram, mas muitos ficaram, assim como analistas de telas e de bagagem.



nas brancas e portas, lustrado acalunhado encastado por portugueses que originaram o recanto do bairro conhecido como Povoado Português. Ela é o mundo, o policial aposentado Abduel Mansur, de origem árabe, 76 anos, diz desde o início de pé-direito alto, pronto para ser de uma única família. Madalena negou o aluguel para o filme sobre Eder Joffe por discordância com a produção. "Não podia ter nada como na casa, estou aumentando o preço, mas não tenho. Aluguei para a novela 'Além do Horizonte', de primeira que vem com o não dos dois, e todos pedem para não mover. Aluguei a parte da frente. Impliquei porque sou a única das irmãs que não é crente. Minha mãe sempre e meu pai, minei-